

A Reportagem Interpretativa como Gênero da Checagem: Reflexões sobre a Experiência do NUJOC¹

Marcio da Silva GRANEZ²
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão sobre o gênero textual da checagem de informações no contexto da pandemia da Covid-19. Parte-se de breve síntese sobre os gêneros textuais do jornalismo (BELTRÃO, 1969; 1980; MARQUES DE MELO, 1985; LONGHI; KÉRLEY, 2015.), para em seguida apresentar a reportagem interpretativa como o tipo textual e gênero próprio da checagem da desinformação. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo de caso (YIN, 2001) que toma por base a experiência do autor na checagem de informações junto ao Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – NUJOC, da Universidade Federal do Piauí. Como resultado, o estudo mostra que a reportagem interpretativa, por reunir as características de aprofundar e investigar os fatos, é o tipo e gênero textual preponderante nas checagens efetuadas pelo NUJOC para combater a desinformação.

PALAVRAS-CHAVE: checagem; reportagem; gênero interpretativo; desinformação.

1 Introdução

A pandemia da Covid-19 trouxe para o jornalismo o desafio de lidar com uma vasta gama de *fake news* ou desinformação. Dados apontam (FIOCRUZ, 2020) que o Brasil é um dos países em que mais se propaga informação falsa sobre a crise sanitária deflagrada pelo novo coronavírus.

Os especialistas cunharam o termo “infopandemia” (POSETTI; BONTCHEVA, 2020) para designar o grande volume de informações falsas que se alastram sobre a pandemia da Covid-19. Temas como remédios milagrosos, dados estatísticos distorcidos e informações de cunho partidário são exemplos de assuntos onde incide a pandemia da desinformação. O potencial deletério das mensagens falsas ou maliciosas sobre o tema do novo coronavírus é imenso, e inclui desde os riscos à saúde coletiva aos prejuízos para a autoridade da ciência e das instituições que a representam.

O jornalismo tem sido vítima da desinformação, mediante a estratégia de mimetização dos formatos e do discurso da imprensa pelos propagadores de *fake news*.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor visitante do PPGCOM/UFPI. Bolsista CAPES/PNPD, e-mail: marcio.granez@hotmail.com.

Estudos mostram (UNESCO, 2019; POSETTI; BONTCHEVA, 2020) que a imitação do formato da notícia é um aspecto recorrente das notícias falsas. Elas buscam dessa forma a credibilidade associada à imprensa para fins de propagar desinformação.

Nesse sentido, apresenta-se aqui uma análise dos formatos textuais utilizados na checagem de informações falsas, e uma proposta de interpretação. Trata-se de um primeiro olhar resultante da experiência do autor na checagem de informações junto ao Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – NUJOC, da Universidade Federal do Piauí.

2 Sobre os Gêneros Jornalísticos

A literatura sobre os gêneros do jornalismo compõe uma rica tradição epistemológica do campo de estudos da comunicação. Ela abrange desde os clássicos (BELTRÃO, 1969; 1980; MARQUES DE MELO, 1985) até as investigações contemporâneas (LONGUI; KÉRLEY, 2015; GRANEZ, 2015; 2017; ASSUNÇÃO; PINTO, 2018) que se ocupam da descrição e normalização do texto e do discurso jornalístico.

Tradicionalmente os gêneros textuais do jornalismo expressam funções diferenciadas, que incluem informar, opinar, interpretar, divertir e prestar serviço. Em decorrência dessas funções é que se podem entender as categorias ou gêneros textuais mais significativos: informação, opinião, interpretação, entretenimento e serviço.

Importante salientar essa relação entre o gênero e a função que o texto desempenha. A notícia é um texto informativo porque sua função precípua é o relato do fato, de forma ágil e direta. O editorial é opinativo porque traz a apreciação valorativa do grupo jornalístico sobre determinado fato. E assim sucessivamente.

A função que o texto desempenha – informar, opinar, entreter etc. – é uma qualidade inerente aos gêneros, e por isso merece atenção ao se considerar o tipo textual mais adequado para determinadas finalidades. A função do entretenimento, por exemplo, vem sendo largamente utilizada na cobertura esportiva, talvez pela proximidade temática entre o esporte e a “leveza” do assunto, que permite toque mais informal e autoral no nível discursivo.

O mesmo se pode dizer da abordagem feita pelos cadernos de cultura, nos quais o gênero diversional se faz presente na forma de jornalismo literário. Por outro lado, a “objetividade” da notícia prevalece nos textos cuja função é reportar ou relatar o fato. A

função precípua de informar – sem comentário e sem o toque autoral – coloca a seu serviço toda a narrativa da notícia.

Dessa forma, funções específicas plasmaram ao longo do tempo formas discursivas também específicas de abordagem no jornalismo. Atualmente, apresenta-se a questão da checagem de informações no contexto da pandemia da Covid-19, cujo primeiro caso reportado no Brasil foi em março de 2020.

Os esforços para combater as *fake news* ou a desinformação vêm sendo coordenados por diversos setores, que incluem grupos de mídia, organizações independentes, universidades, fundações, entre outros. Sabe-se que as *fake news* precedem a pandemia, remontando pelo menos a eventos como o Brexit e a eleição de Donald Trump em 2018 – considerando-se como fator decisivo para esses eventos o advento das mídias sociais.

Todavia, com a pandemia da Covid-19, recrudescer a produção e circulação de conteúdos deletérios focados na crise sanitária, o que demandou também o esforço redobrado no combate à desinformação. A checagem de informações falsas ou maliciosas passou a ser instrumento de apuração rotineiro para veículos e organizações ligadas à mídia, por representar uma forma de depurar as informações e validá-las conforme critérios previamente definidos e conhecidos.

O autor do presente trabalho participa de um grupo encarregado de checar informações sobre a pandemia da Covid-19, o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação - NUJOC, da Universidade Federal do Piauí. Tal cenário possibilitou as condições para que se faça a presente reflexão sobre a função da checagem jornalística e sua forma de materialização como tipo e gênero textual.

3 Conhecendo o NUJOC Checagem

O Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – NUJOC é um projeto ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM da UFPI. Ele contém entre seus ramos o NUJOC Checagem, responsável pela verificação e validação de informações que circulam na mídia, e que tem por objetivo contribuir para combater a desinformação.

No contexto da pandemia do novo coronavírus, o NUJOC Checagem abriu seção especial em seu site para checar informações sobre a pandemia. As mensagens chegam

pelas redes sociais da equipe do projeto ou pelo Aplicativo “Eu Fiscalizo”, desenvolvido no âmbito da Fundação Oswaldo Cruz. O NUJOC estabeleceu parceria com a equipe do “Eu Fiscalizo”, recebendo denúncias do aplicativo.

A atividade de checagem de informações no NUJOC tem basicamente quatro fases: acolhimento, verificação, revisão e conclusão. No **acolhimento** é feita a distribuição das mensagens aos checadores – todos eles voluntários, alunos e professores ligados ao curso de Jornalismo ou à pós-graduação na área.

Na fase da **verificação** acontece a checagem propriamente, com a pesquisa em fontes independentes, o contraste entre diferentes versões, entrevistas com especialistas etc. A **revisão** é a fase de retomar o texto sob o olhar do orientador/editor, para eventuais ajustes em nível de forma como de conteúdo. E, finalmente, a **conclusão** é a fase em que a checagem é entregue e divulgada no site do Núcleo e nas redes dos parceiros do projeto.

Em média, são feitas duas checagens por dia, seguindo-se uma escala que vai de segunda a sexta. A equipe conta com um total de seis voluntários para o trabalho de checagem e um editor. Para o trabalho com as mídias sociais, conta ainda com duas voluntárias, responsáveis pela divulgação dos textos nas redes. Esses números variam conforme a disponibilidade da equipe.

O site do NUJOC (Fig. 1) reúne as checagens sobre a pandemia e também outras seções do projeto, como Divulgação Científica, voltada a temas sobre ciência, e Outros Boatos, que reúne checagens sobre temas que extrapolam a pandemia.

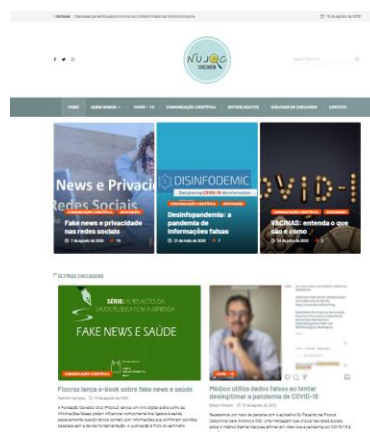


Fig. 1: Reprodução da página principal do site do NUJOC

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/>

O trabalho de checagem de mensagens desenvolvido pelo NUJOC permite desenvolver formatos variados de verificação. Em nível discursivo, resulta em um apanhado de textos jornalísticos que possuem uma identidade própria, por atenderem a uma função específica – a função da checagem.

No próximo segmento, faz-se um olhar sobre esses formatos e, na sequência, uma reflexão sobre o tipo e o gênero textual que caracteriza a checagem efetuada pela equipe do NUJOC. A metodologia utilizada para guiar a descrição e a análise dos dados consiste em estudo de caso (YIN, 2001), o qual permite um olhar em profundidade sobre o objeto de estudo, reunindo dados de cunho quantitativo e qualitativo.

4 Gêneros discursivos e tipos textuais na Checagem do NUJOC

As checagens efetuadas no âmbito do NUJOC têm como ponto de partida as mensagens recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo, ligado à Fundação Oswaldo Cruz, ou as informações que circulam nas redes sociais da equipe do projeto. Trata-se de mensagens em todas as mídias – áudio, foto, vídeo e texto –, provenientes de redes sociais como o Facebook e aplicativos de conversa como o WhatsApp.

Via de regra, essas mensagens contêm afirmações duvidosas ou francamente distorcidas sobre os fatos relativos à pandemia da Covid-19, incluindo dicas de remédios caseiros, denúncias de malversação de recursos destinados à saúde, estatísticas relativas ao novo coronavírus, entre outras. Elas também incluem informações sobre as quais não há comprovação e outras que, checadas, revelam-se verdadeiras.

Parte-se desses trechos de informação, para, mediante pesquisa e apuração das informações, verificar sua conformação aos fatos. A depender do resultado da checagem, a mensagem vai levar uma das seguintes etiquetas: verdadeiro; falso; procede, mas se liga; perdeu a linha; está sendo estudado; em busca de certezas.

O material que chega à equipe perpassa todos os gêneros do jornalismo: há mensagens que imitam o formato da notícia, há trechos de opinião; há mensagens que tem viés humorístico e de entretenimento; há mensagens que apresentam formato interpretativo; e há também mensagens que podem ser classificadas como do gênero de serviço, com informações pontuais sobre determinado aspecto da pandemia.

Quanto aos tipos textuais, há também grande variedade: notícia, reportagem, artigo de opinião, vídeos de humor, notas curtas, documentários, comentários de

internautas, depoimentos em vídeo, comunicados em áudio etc. A variedade dos tipos é proporcional às potencialidades abertas pela convergência e pela mídiatização, no contexto da comunicação online.

Esse material variado serve de ponto de partida para a checagem efetuada pela equipe do NUJOC. É com base nele que são tomadas as decisões sobre como abordar determinada mensagem, quais métodos empregar para fazer a verificação e, não menos importante, que narrativa será elaborada para apresentar o resultado da checagem.

O resultado é um corpus de matérias jornalísticas que pode ser analisado a partir da perspectiva dos gêneros discursivos e tipos textuais que caracterizam a checagem de informações efetuada pelo NUJOC. Ao todo, são 112 matérias em cerca de seis meses de atividades. Os dados da Tabela 1 resumem o quadro.

Tabela 1 – O NUJOC Checagem em números

Período	Covid-19	Comunicação Científica	Outros Boatos
Março/agosto/2020	112	12	43

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/category/covid-19/>, em 31/08/2020.

A Tabela 1 mostra que a checagem de informações sobre a Covid-19 é a principal atividade do NUJOC no período de março a agosto de 2020 – sendo que o marco inicial é justamente o período em que a pandemia chegou ao Brasil. Os textos da seção de Divulgação Científica também se concentram no tema da pandemia. Apenas a seção Outros Boatos tem assuntos que extrapolam a questão da Covid-19. Esses dados revelam a preponderância da pandemia na pauta da equipe durante o período em análise, o que permite um olhar sobre os textos produzidos no âmbito da checagem sobre a pandemia do novo coronavírus.

5 A checagem como função jornalística

Um olhar sobre a checagem de informações revela que sua função principal está intimamente associada ao trabalho tradicionalmente desenvolvido pela imprensa. Checar uma informação, via de regra, equivale a aprofundá-la, com vistas a descobrir se ela se sustenta nos fatos. Essa função se situa, a princípio, no âmbito dos gêneros informativo e interpretativo. A informação abrange o relato dos fatos em conformidade com sua

ocorrência. Ela remete às perguntas que identificam agente e ação – “quem”, “o quê”, “quando”, “onde”, “como” e em menor medida “por quê”. Na informação, está em primeiro plano a capacidade de dizer o fato de maneira direta, caracterizando-o de forma singular, para que ele possa sobressair como acontecimento (BELTRÃO, 1969; 1980; MARQUES DE MELO, 1985; GRANEZ, 2015; 2017).

A interpretação diz respeito ao entendimento dos fatos em uma linha explicativa, que busque suas causas e aponte suas consequências, para além do aspecto factual. Diz respeito ao “porquê” e ao “como”, ampliando a linha de entendimento do fato, aprofundando-o e expandindo a informação. Nesse percurso, a interpretação exige o olhar especializado das fontes e o saber autorizado dos que detêm o conhecimento, como cientistas e especialistas das mais diversas áreas. Está em primeiro plano, na interpretação, a preocupação em compreender o fato, em uma temporalidade alongada, que admite formas narrativas diferenciadas, eventualmente emprestadas da literatura, a fim de conquistar o leitor (LONGUI; KÉRLEY, 2015; ASSUNÇÃO; PINTO, 2018).

Dentre os formatos ou tipos textuais dedicados a aprofundar o fato, a reportagem investigativa merece destaque. Ela tem sido historicamente o lugar da informação em profundidade, oferecendo uma gama de enfoques nas mais variadas editoriais. A reportagem permite desde a análise aprofundada dos especialistas até o testemunho vívido dos que presenciaram os fatos, em uma narrativa que pode se estruturar de formas também diversas (BOAS, 1996).

A temporalidade estendida, outra marca da reportagem interpretativa, permite que a apuração dos fatos se desdobre em um ritmo mais lento do que o fechamento cotidiano das matérias informativas. A interpretação ganha assim em perspectiva, em abordagens que se distendem no tempo e no espaço, e nesse sentido podendo se aproximar dos modelos narrativos tradicionais da literatura e de outras estruturas narrativas (BOAS, 1996; LONGHI; KÉRLEY, 2015; ASSUNÇÃO; PINTO, 2018).

As funções que a checagem desempenha vão ao encontro das funções que se observam na interpretação: aprofundar um fato – no caso, uma denúncia de *fake news*, uma mensagem que ganhou repercussão na mídia, um *post* que viralizou em redes sociais etc. – e esclarecê-lo sobre sua correspondência ou não à realidade factual (UNESCO, 2019).

A checagem parte de um pressuposto – o de que determinada mensagem precisa ser investigada para se esclarecer a sua correspondência à realidade. Para essa tarefa, se

mobiliza a gama de informações e de conhecimento acumulado sobre determinado assunto, e a mensagem original é então classificada segundo os critérios da equipe de checagem como verdadeira, falsa, em análise, entre outras classificações possíveis.

Dessa forma, a checagem requer o tipo de texto que permita aprofundar a informação, assim como o tempo necessário para que esse aprofundamento seja efetuado. A checagem atenderia à função de esclarecimento, de verificação, com base na pesquisa e no aprofundamento da informação.

As características do gênero interpretativo e do tipo textual reportagem permitem abranger o tipo de texto que vem sendo desenvolvido nas checagens ou *fact-checking* efetuadas pelo NUJOC, como se pretende demonstrar no próximo segmento.

6 NUJOC: um olhar sobre a estrutura textual da checagem

As checagens efetuadas pela equipe do NUJOC partem das sugestões chegadas à equipe pelo aplicativo Eu Fiscalizo ou, mais esporadicamente, pelas redes sociais da equipe ligada ao núcleo. O trabalho que esta desenvolve não tem um formato predeterminado em termos de estrutura textual. Apenas algumas indicações formais são feitas, para fins estéticos, tendo em vista que a padronização dos elementos no site ajuda a reforçar a identidade visual e editorial.

A estrutura textual pode ser descrita da seguinte forma: textos iniciam com menção à fonte da mensagem recebida e, na sequência, a descrição da própria mensagem. Por vezes, esta é incorporada na íntegra ao texto, utilizando-se os recursos da multimídia. Por vezes, e mais frequentemente, apenas um excerto da mensagem original é reproduzido na matéria, sob a forma de captura de tela (*print screen*), devidamente creditada. A Fig. 2 mostra como isso se manifesta em uma checagem efetuada pelo NUJOC.

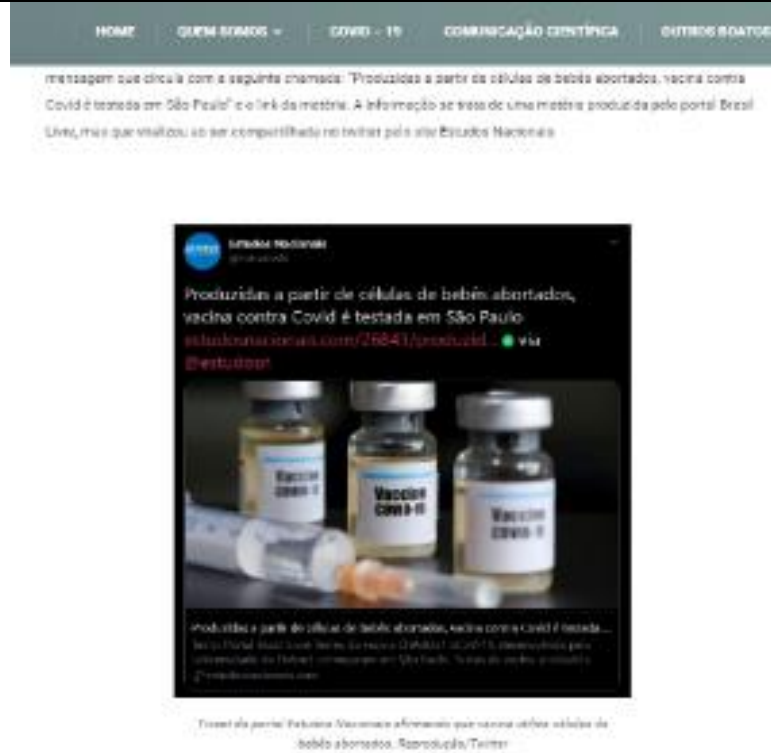


Fig. 2: Excerto de mensagem reproduzida em checagem do NUJOC

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/vacina-inglesa-para-covid-19-nao-foi-produzida-a-partir-de-fetos-abortados/>

Do começo ao fim das checagens, são utilizados *hiperlinks* para textos que complementam ou ajudam a esclarecer as informações. Dessa forma, as fontes utilizadas pela equipe na verificação da mensagem são linkadas ao texto a fim de possibilitar a verificação por parte de leitor. A linkagem é um elemento relevante da estrutura textual das matérias do NUJOC. Por meio dos *links*, é possível aprofundar o texto sem torná-lo excessivamente extenso. Ao mesmo tempo, os *links* também permitem reforçar a autoridade da linha argumentativa desenvolvida na checagem, já que por meio deles o leitor confere as declarações na fonte original e pode elaborar sua própria interpretação sobre os fatos em análise.

Há uma tese que é levantada pela mensagem a ser checada: a tese implica um ou mais fatos. A checagem se detém sobre os fatos para confirmá-los ou refutá-los. Para isso, mobiliza uma série de procedimentos relativos à apuração jornalística: contraste entre diferentes versões; entrevistas com especialistas; leitura de documentos; uso de instrumentos tecnológicos de investigação pela web, como softwares e sites de verificação; entre outros. A Fig. 3 ilustra esses procedimentos.

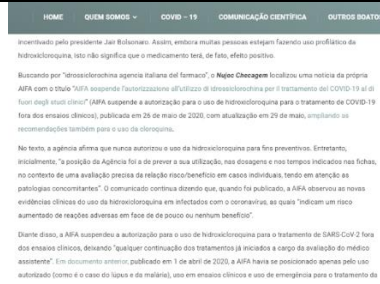


Fig. 3 – Trecho de checagem com destaque aos *links* para outras fontes

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/e-fato-que-o-consumo-de-hidroxicloroquina-na-italia-cresceu-4-662-mas-uso-e-desautorizado-no-pais/>

Na Fig. 3, sobressaem os *links* (em cinza claro) que remetem às fontes originais das informações. Por meio desse procedimento, busca-se dar autoridade e aprofundamento à checagem. No nível textual, o aprofundamento também se reflete em textos mais longos, para os quais se utiliza, como forma de amenizar a extensão dos parágrafos, os entretítulos em destaque por negrito. A “quebra” do texto por meio de entretítulos visa a dar maior legibilidade ao material disposto no site e, embora varie quanto ao uso feito pela equipe, mantém certa regularidade nas produções.

A partir da checagem, a matéria recebe uma etiqueta, que indica sua veracidade ou não – verdadeiro; falso; procede, mas se liga etc. Esse traço textual também se reflete nas chamadas em destaque, já que ali todas as matérias recebem uma etiqueta, assim como nas redes sociais – Twitter, Facebook e Instagram – do NUJOC, onde as checagens são divulgadas. A Fig. 4 ilustra a etiqueta de mensagem falsa.

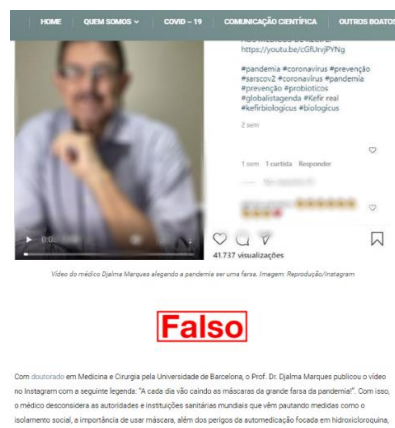


Fig. 4 – Mensagem identificada com a etiqueta FALSO

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/medico-utiliza-dados-falsos-ao-tentar-deslegitimar-a-pandemia-de-covid-19/>

A depender do teor da mensagem original, pode haver mais de uma etiqueta ao longo do texto, pois a desinformação por vezes se mescla com informações verdadeiras, para potencializar o efeito sobre os leitores. Nesses casos, a etiqueta em destaque fica com a informação também em destaque na mensagem, ou aquela que se aplica ao teor geral da mensagem.

As checagens apresentam, geralmente nos parágrafos finais, a indicação de outras checagens realizadas pelo NUJOC sobre a mesma temática. Com isso, busca-se ampliar o tempo de atenção do leitor ao site. Por meio de *hiperlinks*, é possível acessar as checagens que remetem à página do próprio NUJOC, o que aponta novamente para o aprofundamento da informação – e a fidelização do leitor. A Fig. 5 mostra isso em imagem.



Fig. 5 – Links que remetem a checagens de assuntos afins na página do NUJOC

Fonte: <http://nujocchecagem.com.br/jornalista-faz-afirmacoes-inveridicas-sobre-a-pandemia/>

Os *links* para matérias com checagens de temática semelhante formam uma espécie de banco de dados virtual a partir do conhecimento acumulado pelo grupo na tarefa de checagem de assuntos sobre a Covid-19 e outros assuntos.

Analisando o teor dessa estrutura textual, é possível avançar na proposição de um gênero para a checagem efetuada pela equipe do NUJOC – e que talvez possa ser extrapolada para outras experiências de *fact-checking*.

7 Checagem, reportagem e interpretação

A estrutura textual das checagens efetuadas pelo NUJOC remete à reportagem como tipo textual e à interpretação como gênero discursivo. Embora partam de um fato – no caso, a mensagem a ser checada –, as checagens o tomam como ponto de partida para o aprofundamento, e nessa tarefa utilizam os recursos do jornalismo de interpretação. Isso se reflete nos recursos utilizados pela apuração feita para reportagens de cunho investigativo: pesquisa, análise de dados, contraste entre fontes e depoimentos, oitiva de especialistas etc.

O tipo textual da reportagem investigativa e interpretativa permite aprofundar o enfoque e também ampliar a narrativa, distendendo-a no tempo e no espaço (BOAS, 1996). O gênero da interpretação, por sua vez, é o lugar em que se podem encontrar as reflexões e análises que dimensionam o fato à luz do conhecimento especializado (GRANEZ, 2015).

A função da checagem se situa nessa linha de trabalho que parte do fato e traz suas causas e consequências. Não se limita portanto a informar, embora o faça em sentido amplo, como forma de trazer elementos do mundo sensível ao nível discursivo. Mas a checagem precisa avançar para a esfera da investigação e interpretação das informações que servem de ponto de partida – no caso, os boatos e mensagens disseminados pela mídia e redes sociais. É só com a pesquisa e o contraste entre diferentes versões dadas por fontes diversas que se pode considerar realizada a tarefa de checar determinado fato (UNESCO, 2020).

Por essas razões, entende-se que a checagem de informações é um dos subgêneros do jornalismo investigativo e interpretativo, tomados aqui como sinônimos. A função da checagem é aprofundar a informação, ampliá-la e dar-lhe perspectiva, o que a coloca no âmbito da função desempenhada pelo gênero do jornalismo de interpretação. O tipo textual da reportagem em profundidade (LONGUI; KÉRLEY, 2015; ASSUNÇÃO; PINTO, 2018), tradicionalmente destinado a ampliar o fato na linha espaço-temporal, é o que mais se adapta à necessidade da checagem, como se verifica na experiência do NUJOC.

Nela, as checagens partem do dado – a mensagem que vai ser verificada – e fazem o aprofundamento dele, mediante consulta a fontes especializadas e comparação entre diferentes versões dadas pela mídia. Isso se reflete na estrutura textual e nos recursos que são utilizados nas checagens, como vídeos e áudios, *hiperlinks* e entretítulos etc.

A reportagem interpretativa tem sido um caminho espontâneo da produção das checagens efetuadas pelo núcleo. Ela não foi imposta nem sugerida pela coordenação do projeto, mas sim adotada de forma tácita pela equipe, à medida que o trabalho foi sendo estruturado. Desde o início das atividades, é possível encontrar a estrutura textual da reportagem de interpretação, que foi sendo aprimorada ao longo dos meses, considerando março a agosto de 2020 como o período de tempo analisado.

Pode-se argumentar que, em sentido amplo, a checagem também se enquadra no gênero informativo, e no tipo textual da notícia. De fato, há elementos que apontam para essas características nas checagens: elas informam sobre a veracidade ou não de fatos-notícia, e elas poderiam ser abordadas no formato da notícia.

Todavia, e ainda como uma hipótese, parece que o caráter informativo da checagem é residual, não esgotando a sua função principal, que é aprofundar e entender o fato, colocando-o em perspectiva, e não apenas descrevê-lo e narrá-lo como acontecimento ou informação. Nesse sentido, há informação na checagem tanto quanto há informação na crônica e no editorial (MARQUES DE MELO, 1985), e nem por isso se considera que a segunda e o terceiro sejam do gênero informativo.

A função da checagem, condizente com o aprofundamento da informação, a coloca no patamar da investigação e da interpretação, próprios do gênero interpretativo. Nesse sentido, a reportagem vai ser o formato textual que permite alcançar o aprofundamento, na medida em que distende a narrativa em linhas temporais e espaciais, buscando reconstituir e dar perspectiva ao fato.

Embora se configure como texto do gênero interpretativo, a checagem parece ter menos propensão a dar voz autoral aos textos – uma das possibilidades do texto da reportagem de interpretação. Na experiência do NUJOC, poucos são os traços autorais presentes nas matérias. Isso parece decorrer do entendimento de que a função primordial da checagem está na verificação da veracidade da mensagem em análise, não na forma como essa análise é desenvolvida pelo autor do texto. O foco, por assim dizer, é o conteúdo, não a forma.

8 Considerações Finais

Neste artigo, buscou-se entender o gênero e o tipo textual da checagem de informações. Para tanto, fez-se breve retomada dos conceitos sobre os gêneros

jornalísticos e apresentou-se o relato da experiência do NUJOC na checagem de informações sobre a pandemia da Covid-19.

Com base na descrição do tipo textual presente nas reportagens do NUJOC, observa-se que a reportagem interpretativa é o gênero que predomina na checagem de informações. Isso porque ela permite aprofundar o entendimento do fato, dimensionando-o para além da informação. Ao buscar a comprovação das mensagens em análise, as checagens fazem uso dos recursos que são usados nas reportagens investigativas e interpretativas: tempo distendido, busca de fontes especializadas, comparação entre versões distintas, oitiva de especialistas etc.

O formato final das reportagens do NUJOC permite afirmar que elas se constituem de fato em reportagens de cunho interpretativo, nos quais está em primeiro plano a função de aprofundar a informação. Estudos ulteriores podem se debruçar sobre as diferenças entre esse tipo de reportagem, focado na checagem da pandemia da Covid-19, e as demais reportagens de cunho investigativo e interpretativo, focadas em temas diversos.

Talvez um dos traços distintivos seja a menor margem de estilo autoral das reportagens dedicadas à checagem da pandemia, como observado nas reportagens do NUJOC. Futuras investigações também poderiam verificar se a estrutura descrita na análise prévia se faz presente em projetos de checagem de outros veículos dedicados a essa tarefa no contexto da pandemia da Covid-19.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luis Fernando; PINTO, Luci Ani Pereira. *Slow journalism* e jornalismo de bordas: a etnografia como instrumento na grande reportagem. In: **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornalismo diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969. 424 p.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980. 118 p.

BOAS, Sérgio Vilas. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996. 129 p.

FIOCRUZ. Estudo identifica principais *fake news* relacionadas à Covid-19. **Fiocruz**, 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em 25 de maio de 2020.

GRANEZ, M. S. Gêneros Textuais e História do Jornalismo: Anotações para uma Proposta Didática. **Comunicação: reflexões, experiências, ensino**, v. 8, p. 85-96, 2015.

_____. Reflexões sobre o jornal-laboratório: esboço de uma didática. In: Tarcisio Dorn de Oliveira. (Org.). Coleção - **Educação, Espaço Construído e Tecnologias: Reflexões, Desafios e Perspectivas** - Volume II. 01 ed. Curitiba: Editora CRV, 2017, v. 2, p. 161-172.

LONGHI, Raquel Ritter; WINKES, Kérley. O lugar do *longform* no jornalismo *online*: qualidade *versus* quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, 2015.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 166 p.

POSETTI, Julia; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemic: deciphering COVID-19 disinformation**. Paris: Unesco, 2020. Disponível em:
https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf. Acesso em 20 de junho de 2020.

UNESCO. **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Paris: Unesco, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamentos e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.